

O porto de S



POR MÁRIO MOURA

Voltemos ao porto de Santa Iria: *‘Mais encarecia a necessidade de um porto com que a navegação pudesse contar no lado Norte da Ilha, o estabelecimento de comunicações com o continente por navios a vapor, prestes a dar-se. A Companhia União Mercantil, primeira que teve a empresa daquela navegação, interessou-se pela construção de um porto naquela costa onde pudessem os seus barcos refugiar-se a brigar-se dos levantes a que os obri-gavam as borrascas do sul.’* (1)

Ponderando a necessidade, *‘O go-verno autorizou a construção, propor-cionou meios para isso e incumbiu a Direcção dos trabalhos ao engenheiro J. Luís Lopes, autor dos planos supe-riormente aprovados.’* (2)

E foi assim que, em 1854, quatro anos apenas do lançamento da primeira pedra do novo cais do Porto de Santa Iria, o capitão de engenharia João Luís Lopes, primeiro Director das Obras Públicas Distritais, foi *‘incumbido de traçar projecto e orçamento da conclusão ou aperfeiçoamento das obras encetadas.’* (3)

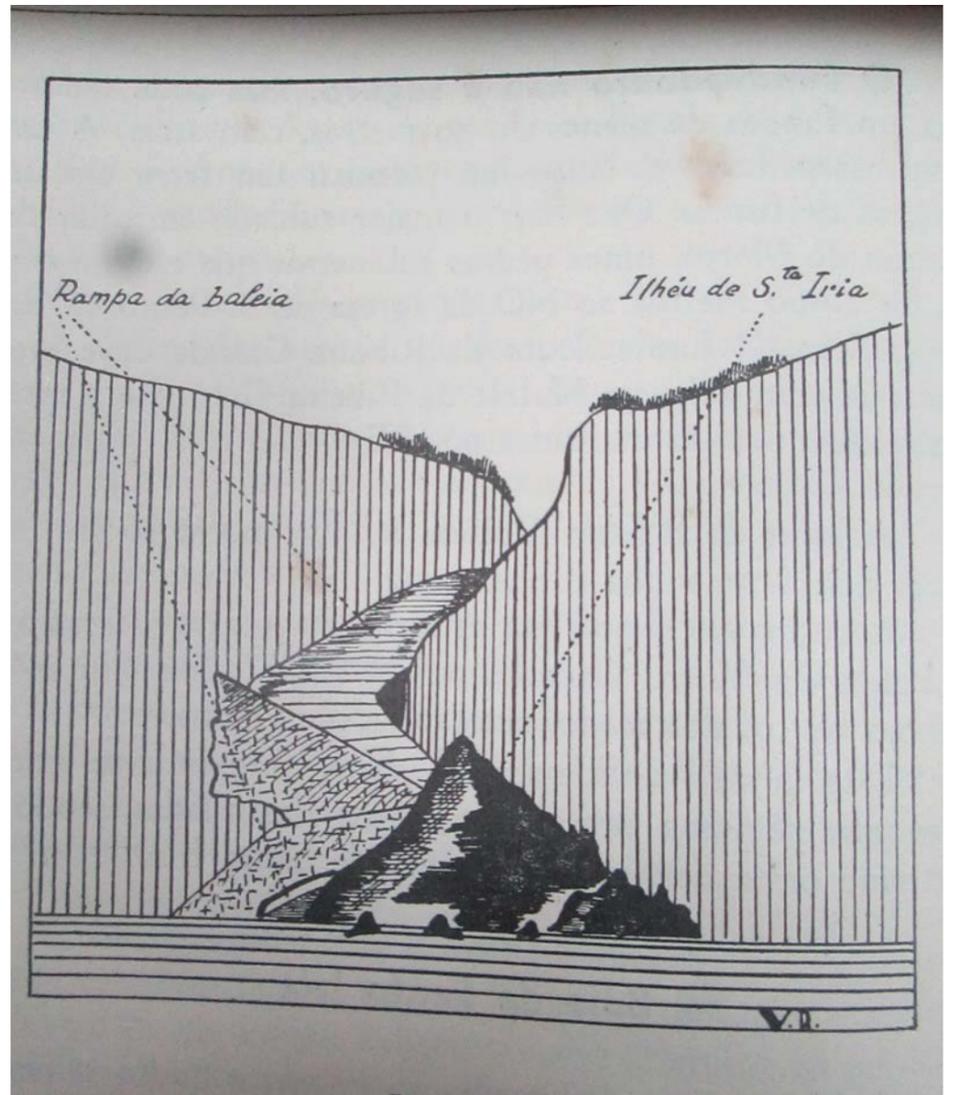
A 12 de Agosto de 1851, o Governador Félix Borges de Medeiros (4) nomeou uma *Comissão de Obras Públicas* destinada a fixar prioridades e

estratégias em matéria de fomento, com destaque para a questão das vias de comunicação. A 12 de Novembro de 1851, o mesmo Governador dissolve a Câmara Municipal das Capelas. O mesmo Governador Félix em Abril de 1855 pede *‘oficialmente’* *‘ao engenheiro militar’* *‘Capitão do Corpo de Engenheiros, Director das Obras Publicas do (...) Districto, João Luiz Lopes,’* que avalie as potencialidades das baías de Capelas e de Santa Iria. A 30 de Novembro daquele mesmo ano de 1855, João Luís Lopes tem o relatório completo. (5)

Em Dezembro, a Câmara da Ribeira Grande, toma nota destes trabalhos: *‘Constando à Câmara que a Junta Geral deste Districto existe um Mapa ou plano da Construcção de uma Doca no Porto de Santa Iria com seu competente orçamento de Despesa, feito pelo Engenheiro José Luiz Lopez Director d’Obras Públicas n’este Districto (...).’* (6)

E a conclusão do engenheiro foi um equilíbrio entre a técnica e a política: *‘Pelos vantagens e inconvenientes, que acabamos de expor em referên-cia aos dois Portos acima mencionados, vê-se que a opinião mais razoável, e que ofereceria maior número de vantagens seria a de aproveitar ambos os portos para o mesmo fim, construindo em ambos eles as necessárias obras de arte, e os caminhos de comunicação para os embarcadouros; desta forma poderiam todos os navios, que demandam Ponta Delgada na época comercial refugiar-se na Costa do Norte em ocasiões de levantes, e continuarem a carregação, que seria feita nos ditos dois Portos, com boas estradas e bons cais de embarcadouro.’* (7)

No entanto, o técnico propõe que *‘não sendo por outro lado compatível*



com a situação financeira do país, o executar estes dois trabalhos simultaneamente; por isso julgo ser preferível começar pelo melhoramento do Porto de Santa Iria.’ Tanto mais que era urgente: *‘porque, desta forma, conseguiríamos em menos tempo, e com menor despesa o remédio de um mal, que tanto*

se faz sentir nesta Ilha, e com especialidade com os Vapores, cuja carreira, segundo se presume, terá de começar dentro em poucos meses.’ Antes de concluir, acrescenta, para contentamento dos preteridos: *‘e oxalá que depois dele fosse igualmente levado à execução e aprovado um igual melhoramento para o Porto das Capelas!!!’* (8)

Supico acha que a opção pelas Capelas ficou comprometida: *‘Prejudicaram-na a questão de meios, mesquinhamente calculados como fica visto, e a questão de localidade.’* (9)

Esqueceu-se Supico ou mudara de opinião? Sucede que, sendo Director de A Estrela Oriental, o jornal escreveu: *‘Existem todas as probabilidades de começar mui próximo a carreira de navegação a vapor entre a capital e estas ilhas, e todavia coisa alguma tem o governo ainda resolvida acerca do Porto de Santa Iria, não obstante a bem elaborada memória do Sr. Director de Obras Públicas neste Distrito o hábil engenheiro o Sr. João Luiz Lopes. É preciso pois que não afrouxem as diligências, e que constantemente se faça lembrar aos nossos deputados e necessidade e mesmo urgência de uma obra reclamada por todos que tem em consideração a perda de vida e de fazendas que ocorrem anualmente por falta de um porto de abrigo às muitas embarcações que demandam às nossas águas na estação invernososa. Havemos de tratar deste objecto com mais amplitude, limitando-nos por agora somente a lembrar, que devem continuar as instâncias enquanto se não conseguir*

